



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - SOCIOLOGIA

WYLDINA OLIVEIRA DOS SANTOS

**FILOSOFIA E ARTE: breve análise filosófica da moral kantiana no filme “ O Rei Leão  
3 Hakuna Matata”**

IMPERATRIZ  
2019



WYLDINA OLIVEIRA DOS SANTOS

**FILOSOFIA E ARTE: breve análise filosófica da moral kantiana no filme “ O Rei Leão  
3 Hakuna Matata”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas – Sociologia da  
Universidade Federal do Maranhão como  
obtenção do grau de Licenciada em  
Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Sousa  
Assai

IMPERATRIZ  
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Santos, Wyldina Oliveira dos.

Filosofia e Arte : breve análise filosófica da moral kantiana no filme "O Rei Leão 3 Hakuna Matata" / Wyldina Oliveira dos Santos. - 2019.

48 f.

Orientador(a): José Henrique Sousa Assai.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - Maranhão, 2019.

1. Arte. 2. Autonomia. 3. Filosofia. 4. Moral. I. Assai, José Henrique Sousa. II. Título.

WYLDINA OLIVEIRA DOS SANTOS

**FILOSOFIA E ARTE: breve análise filosófica da moral kantiana no filme “ O Rei Leão  
3 Hakuna Matata”**

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Henrique Sousa Assai

---

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa

---

Prof. Me. Manoel Pinto Santos

## AGRADECIMENTOS

A Deus por não ter me deixado fraquejar na caminhada acadêmica e me impulsionado a concluir cada etapa, o qual sou grata por todas as oportunidades e por chegar a este importante degrau de minha vida, esta é um dos capítulos mais significativos da minha história.

A esta Universidade, em especial ao Curso de Ciências Humanas – Sociologia pela oferta do curso e acessibilidade ao ensino superior, pelos ensinamentos dos professores os verdadeiros mestres com suas experiências, pela oportunidade em participar do PIBID que possibilitou um olhar mais abrangente do ensino básico e formas de intervenções através de temas transversais, pela contribuição de cada um em minha formação.

Ao meu orientador, Professor Dr. José Henrique Sousa Assai, pela orientação na pesquisa, incentivo nas leituras e escrita, por seu entusiasmo contagiante com a filosofia o qual refletiram em mim o apreço pela disciplina, e que me levaram a realizar esta pesquisa, pela paciência e confiança que me acompanharam durante a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, e por ter sido um profissional comprometido a cada disciplina até a orientação desta pesquisa, o qual tem meu respeito e admiração.

A minha mãe Wirland Oliveira, pelo apoio e todo esforço para que pudesse alcançar esta importante etapa, aos meus avós Wilson Batista e Antonia Justino que mesmo diante da pouca instrução muito me incentivaram nos estudos e que se orgulham da licenciatura, e a meus irmãos que também são minha base e motivação.

Aos meus colegas de curso, em especial minha turma, aos laços que estreitamos durante esses anos, pelas alegrias, cada grupo de trabalho formado, os aprendizados, as incertezas, tudo isso marcou minha caminhada acadêmica, em especial a Adelina Luana Moura, Antonia Gonçalves, Maria Lúcia de Jesus e Tamiris Sabino pelo companheirismo desde o primeiro dia de aula, a parceria na construção dos trabalhos e participação no PIBID, de fato temos uma história para contar e aos demais que compartilharam comigo desse momento único que é a graduação, cada palavra amiga, elogio, ensinamento, carinho com muita alegria e gratidão.

A todos os meus amigos que confiaram em minha formação e pelo apoio na construção desta pesquisa, que de forma direta ou indiretamente fizeram deste um momento ímpar, os quais fortalecemos ainda mais os laços de amizade e respeito.

Minha gratidão a cada um!

*Para alcançar o que você quer, basta olhar além  
do que vê.*

*Rafiki, filme O Rei Leão 3: Hakuna Matata*

## RESUMO

O pensamento kantiano apresenta-se de maneira impar na filosofia moderna, especificamente a partir do século XVIII com o Iluminismo, quando este estabelece a crítica aos princípios dogmáticos que organizava a sociedade da época, e que agora passa a ser baseada no critério racional das ciências e não em uma metafísica religiosa, mas sim, a um novo entendimento: a metafísica dos costumes. Partindo desse pressuposto é apresentada uma nova maneira de fundamentar a ética e a moral. A influência da relação histórica para a construção desses conceitos e sua aplicação na sociedade é necessária para compreender os aspectos teorizados e principalmente como ela tem operado estes conceitos. A ciência ganha um espaço notório, tornando-se uma autoridade no ramo do conhecimento, e que sem dúvida o epílogo de Kant ao procurar responder o questionamento: O que é o iluminismo? Torna-se uma referência ao falarmos de modernidade. Os princípios da filosofia moral kantiana, a autonomia e heteronomia vista como os princípios fundamentais da moralidade entram em questão para análise, tendo em vista a importância que agora se dá a razão e as críticas a uma forma de convivência ligada as vontades externas ao indivíduo privando o mesmo de racionalizar sobre determinado pensamento, costume e/ou regra, que apenas eram seguidos. Portanto esta pesquisa propõe analisar se os personagens (Timão, Pumba e Simba) fazem uso da razão, se estabelecem entre si um ideal ético que se remete para várias esferas da vida prática, dentre tais, para um referencial literário-cinematográfico no qual esta pesquisa se assenta enquanto contribuição filosófica. O objetivo é discutir os conceitos filosóficos aplicados à sociedade através da análise do filme, com a proposta de, a partir de um desenho animado, relacionar realidades e personagens com a sociedade seguidos de conceitos filosóficos fundamentados por Immanuel Kant através da obra Fundamentação da Metafísica dos Costumes.

**Palavras-Chave:** Autonomia. Arte. Filosofia. Moral

## ABSTRACT

The thought kantiano, it presents in an odd way in modern philosophy specifically from the century XVIII with the Enlightenment, when it establishes the criticism to dogmatic principles that organized the society of the time period and that now is based on the rational criterion of the sciences and no in a metaphysical religious but yes, to a new understanding: the metaphysics of customs. Based on this assumption is presented a new way of substantiating ethics and morals. The influence of the historical relation to the construction of these concepts and its application in society is necessary to understand the theorized aspects and mainly how it has operated these concepts. The science wins a notorious space becoming an authority in the field of knowledge and that without a doubt the epilogue of Kant to searching answer the question: What is the Enlightenment? It becomes a reference when we speak of modernity. The principles of kantiana moral philosophy, the autonomy and heteronomy seen as the fundamental principles of morality come into question for further in view of the importance that now gives the reason and criticisms of a form of coexistence linked to the external wants of the individual depriving the same of rationalizing about a certain thought, custom and/or rule, that only were followed. Therefore, this research proposes to analyze characters (Timão, Pumba e Simba) make use of reason, establish an ethical ideal among them that is referred to several spheres of practical life, among such, for a literary-cinematographic reference in which this search is based as a philosophical contribution. The objective is to discuss the philosophical concepts applied to society through the analysis of the movie, with the proposed, from a cartoon, relate realities and characters with society followed by philosophical concepts founded by Immanuel Kant through the shell-work Metaphysical Foundation of Customs.

**Key words:** Autonomy. Art. Philosophy. Moral



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>FILOSOFIA E MODERNIDADE: CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA .....</b>	<b>13</b>
2.1	A modernidade .....	13
2.2	“Esclarecimento” em “ O Rei Leão 3 Hakuna Matata” .....	16
<b>3</b>	<b>DEMAIS PRESSUPOSTOS KANTIANOS EM “O REI LEÃO 3”: UMA</b>	
	<b>POSSIBILIDADE ARGUMENTATIVA .....</b>	<b>20</b>
3.1	Descrição da obra cinematográfica .....	20
3.2	A Boa Vontade .....	27
3.3	O Imperativo da Moralidade .....	31
3.3.1	Autonomia da Vontade: o princípio da moralidade .....	35
3.3.2	Heteronomia da vontade: “princípio ilegítimo da moralidade” .....	37
<b>4</b>	<b>UMA PROPOSTA PRÁTICA DA FILOSOFIA KANTIANA NA EDUCAÇÃO ....</b>	<b>40</b>
4.1	Animações cinematográficas: possibilidades pedagógicas .....	40
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Básica é um direito de todos, e como base principal, visa garantir o exercício da cidadania que proporciona ao desenvolvimento humano, o respeito às diferenças, preservar a dignidade humana, ser consciente de seus direitos e deveres, a fim de construir uma sociedade democrática, que fomenta nos alunos a criticidade e criatividade sendo agentes transformadores da própria realidade social. É nesse contexto que se assenta o ensino das Ciências Humanas, que se apresentam como a tentativa de compreender o homem, as relações humanas, e buscam uma construção conjunta e inovadora, despertando a criticidade e construindo o conhecimento. Não é isolada e inacessível, pelo contrário, é social e está presente em qualquer contexto, sendo necessário seu estudo como algo de caráter científico que busca na educação básica sua inserção e embasamento a fim de conhecer as estruturas fundantes de sua realidade.

Dentre as disciplinas que compõem a área de Humanas, trataremos do ensino da filosofia como referência aos questionamentos individuais e coletivos, mais precisamente uma filosofia moral voltada para o estudo da liberdade, das vontades do homem, tendo em vista o dever, uma vontade autônoma e uma ação que leve em consideração não o meio, mas sua máxima, o princípio do querer. Ao que diz respeito ao ensino da filosofia, podemos destacar as animações cinematográficas como recursos didáticos capazes de aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem do aluno, muito mais do que simplesmente relatar e/ou descrever ou até mesmo em um sentido de reprodução de um conhecimento dado, mas poderão ser vistos como capazes de despertar nos alunos uma reflexão profunda, despertar o pensar, de fazerem suas próprias análises confrontando com teorias já concebidas. Demo destaca a filosofia como “instrumento importante para captar mais adequadamente a realidade<sup>1</sup>” e que é necessário realizar uma reflexão metodológica, questionar e “filosofar” sobre a produção científica. Com isso o autor afirma,

A profundidade da análise, constituída do conhecimento das várias posições teóricas importantes, da reflexão penetrante nos fenômenos sob formas de hipóteses criativas de trabalho, do cuidado metodológico que nada adianta sem argumentar, depende em grande parte de referências filosóficas, pelo menos no sentido do conhecimento relativo do roteiro teórico e metodológico dos modos de produzir ciência.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1985

<sup>2</sup> Id.Ibid, p. 62

Diante disso, a presente pesquisa intitulada **Filosofia e Arte: breve análise filosófica da moral kantiana no filme “O Rei Leão 3 Hakuna Matata”**, se propõe a discutir os conceitos filosóficos aplicados na sociedade, através da análise do filme *O Rei Leão 3: Hakuna Matata*, mostrando que a partir de uma animação cinematográfica/desenho animado é possível relacionar realidades e personagens com a sociedade, seguidos de conceitos filosóficos fundamentados por Immanuel Kant.

Para a construção deste trabalho, partimos dos seguintes questionamentos: Como os personagens do filme fazem uso da ética e moral filosófica kantiana? Qual a relação entre o personagem Timão e os sujeitos da realidade? E como o imperativo categórico de Kant é compreendido pelas ações dos personagens do filme? São indagações para que possamos perceber a partir do filme, *O Rei Leão 3: Hakuna Matata*, de que modo o legado kantiano é recepcionado no filme.

A pesquisa se trata de uma revisão bibliográfica, para Selbach, a pesquisa bibliográfica ou revisão bibliográfica é “constituída exclusivamente por fontes bibliográficas como livros, artigos, resenhas, etc”<sup>3</sup>, usaremos como recursos metodológicos a análise do filme “*O Rei Leão 3: Hakuna Matata*”, observando nos personagens a relação e interação com os conceitos presentes na obra “*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*” de Immanuel Kant, se os personagens (Timão, Pumba e Simba) fazem uso da razão e se estabelecem entre si um ideal ético que se remete para várias esferas da vida prática, dentre tais, para um referencial literário-cinematográfico no qual esta pesquisa se enquadra enquanto contribuição filosófica. Abordaremos também conceitos sobre a saída da menoridade culpada, através do epílogo de Kant, autonomia e heteronomia, a boa vontade e os imperativos, seguido de um aporte teórico citando Kant (1784), Descartes (1983) e outros autores, que nos trazem questões acerca da racionalidade e da subjetividade.

A referência utilizada para fundamentar esta pesquisa, a obra de Immanuel Kant “*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*” é oriunda da edição traduzida de Paulo Quintela para a língua portuguesa de Portugal, no qual há palavras diferenciadas, mas que não alteram o significado e discussões pertinentes para essa pesquisa.

Pensar em como as práticas filosóficas podem se fazer presente na vida cotidiana, nos permite vislumbrar de forma subjetiva como podemos ter um olhar filosófico diante das coisas consideradas comuns ou apenas para diversão. Com base nisto, temos o filme *O Rei Leão 3: Hakuna Matata*, lançado em 2004, pela Walt Disney Pictures, como objeto de estudo. O filme

<sup>3</sup>SELBACH, Jeferson Francisco. **Pesquisa sem frescura**. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2005. V. 1. 80p.

mostra uma nova aventura, que foi iniciada em *O Rei Leão 1*, porém desta vez os personagens secundários são os protagonistas, Timão (o suricate) e Pumba (o javali), trazem recortes dos filmes que de acordo com o personagem Timão é “uma visão íntima da história dentro da própria história”, isto é, dar uma nova interpretação ao que conhecemos da narrativa do filme *O Rei Leão 1*, uma vez que o filme *O Rei Leão 3 Hakuna Matata* é a história do filme 1 narrada pelos dois personagens acrescentando a história de ambos, permitindo a qualquer pessoa conhecer os personagens, mostrando que mesmo nas cenas mais obscuras eles estavam presentes, mas que não foram notados anteriormente.

Filmes se apresentam como uma ferramenta de fácil apreensão, e até de diversão, sendo este utilizado como um apoio didático ou como uma ferramenta de “descontração-interação”.

Para Maia “a sensibilidade do olhar pode ser educada, aprimorando-se, e conseqüentemente gerando conhecimento”, é uma possibilidade de melhor “contemplar, interpretar, ir além das imagens<sup>4</sup>”, isso acontece pela capacidade subjetiva que temos ao observar criticamente algo. Nos permite realizar uma leitura da obra por meio das cenas e relacionar com a realidade vivida.

A pesquisa encontra-se dividida em três capítulos sendo o primeiro uma breve contextualização da modernidade a partir do Iluminismo do século XVIII ressaltando as contribuições filosóficas de Descartes e outros autores correlacionando com Kant e tecendo relações entre o epílogo de Immanuel Kant “*Resposta à questão: que é iluminismo:*” (1784) com os personagens discutindo sobre a saída da menoridade culpada, sendo intitulado como **Filosofia e Modernidade: Contextualizando a pesquisa**, seguindo do tópico 2.1 Modernidade e 2.2 “Esclarecimento” em “*O Rei Leão 3 Hakuna Matata*”; o capítulo seguinte permite as relações com o filme e a filosofia kantiana partindo dos conceitos presentes na obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, o imperativo da moralidade, a autonomia, heteronomia e boa vontade, intitulado como **Demais pressupostos kantianos em “O Rei Leão 3”**: Uma possibilidade argumentativa, ressaltando os tópicos 3.1 Descrição da obra cinematográfica, permitindo conhecer a narrativa do filme e participação dos personagens, 3.2 A Boa Vontade, definindo o conceito e fazendo o exercício de análise com personagens, 3.3 O Imperativo da Moralidade, 3.3.1 Autonomia e 3.3.2 Heteronomia, estes últimos seguem a mesma proposta apresentada no tópico 3.3 diferenciando nos conceitos e em como podemos perceber a relação da obra cinematográfica com a filosofia moral de Immanuel Kant; e por fim, o capítulo 4 que faz uma breve discussão sobre a filosofia prática e a educação, apresentando a

---

<sup>4</sup>MAIA, Tadeu Queiroz. **Sobre filmes infantis e linguagem audiovisual: o caso d’o Rei Leão**. Brasília: UNB, 2008.

importância da reflexão filosófica a partir de desenhos animados como temos feito em “ O Rei Leão 3” enquanto um recurso pedagógico, intitulado **Uma proposta prática da filosofia Kantiana na Educação.**

## 2 FILOSOFIA E MODERNIDADE: CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Abordaremos neste capítulo sobre a modernidade enquanto contexto temporal com recorte no século XVIII a partir do Iluminismo, dividindo entre dois tópicos, no primeiro sobre a modernidade enquanto um período de transformações evidenciando a ciência e contribuições filosóficas de Descartes e outros filósofos, e no segundo tópico se discute sobre a modernidade na perspectiva Kantiana partindo do epílogo de Immanuel Kant “*Reposta à questão: que é iluminismo:*” (1784) com breve relação com os personagens do filme O Rei Leão 3 Hakuna Matata sobre a saída da minoridade culpada, rompimento de um período até então de trevas para um período do esclarecimento, da luz, da tomada de decisões, da racionalização consciente.

### 2.1 A modernidade

A modernidade nos faz compreender que estamos em um movimento contínuo, que a ciência se transforma no decorrer dos tempos destacando pontos importantes para o avanço do conhecimento, mesmo sendo necessário romper com determinados paradigmas que se defrontam com uma nova forma de pensamento. Esta modifica os diversos ramos que estruturam a sociedade, e por assim dizer, reflexões sobre a existência do ser e sua relação com a ciência.

A partir do século XVII o ocidente se depara com uma nova autoridade epistêmica<sup>5</sup>, que ao lado da religião, começa a construir uma nova lógica de pensamento, que evidencia o ser humano e sua relação com o conhecimento e também com os fenômenos da natureza, este sendo protagonista das reflexões, deixando por hora as discussões teocêntricas do período anterior. Eis que inicia uma discussão sobre o sujeito e sua subjetividade, analisando-o como um ser dotado de razão para o qual pode fazer uso da mesma em detrimento do diálogo com os princípios que norteiam sua existência.

Com isso, as discussões sobre a subjetividade recebem uma atenção na ciência moderna, onde a dúvida estaria movendo a uma resposta última, partindo de uma reflexão do próprio ser pensante, cuja matriz cartesiana pode nos auxiliar nessa questão<sup>6</sup>, que existe e é passível de mudanças, de transformações no decurso de sua existência, e para alguns pensadores discutir

<sup>5</sup>HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do Outro: estudos de teoria política**. Tradução George Sperber e Paulo Soethe. São Paulo: Loyola, 2002b. 390p

<sup>6</sup>DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores)

subjetividade era também discutir uma ciência ligada aos aspectos da natureza, onde o empírico se fazia presente, porém que carrega em si uma essência que o faz ser aquilo que é.

Logo, ao situarmos a filosofia na modernidade, emerge o problema da dualidade entre sujeito e objeto, que coloca em espaços distintos a filosofia da natureza e a filosofia moral. Isso culmina até hoje em discussões sobre ambas, o que não foi diferente no início da modernidade ao ressaltar as leis da natureza e as leis morais na regência dos indivíduos. Neste sentido, Kant afirma

Em contraposição, tanto a Filosofia natural como a Filosofia moral podem cada uma ter a sua parte empírica, porque aquela tem de determinar as leis da natureza como objecto da experiência, esta porém as da vontade do homem enquanto ela é afectada pela natureza; quer dizer, as primeiras como leis segundo as quais tudo acontece, as // segundas como leis segundo as quais tudo deve acontecer, mas ponderando também as condições sob as quais muitas vezes não acontece o que devia acontecer.

Na medida em que a questão da subjetividade emerge no período moderno, a filosofia passa a ser autocompreendida enquanto situada num estado de crise autointerpretativa da subjetividade, pois coloca em questão pontos para além da reflexão subjetiva, que conflita ou desfavorece o próprio termo dentro da ciência, pois é atribuída a mesma uma extensão ao que possa representar já em outras esferas de reflexão, e não as questões em si.

A Modernidade é permeada, desde suas origens, por uma crise de autointerpretação. Podemos esclarecer o sentido desta crise extraindo consequências da virada mecanicista no pensamento moderno, iluminada pelo exemplo singelo dado na segunda meditação de Descartes.<sup>7</sup>

Seguindo o pensamento de Descartes ao abordar sobre o que existe (coisas), as suas formas e se estas sofrem transformações no decorrer de sua apreensão, por exemplo, ao pensamos em um copo com leite percebemos que é um líquido de cor branca, com o sabor umâmi, mas que ao ser refrigerado por determinado tempo pode vir a coalhar, adquire então um branco mais amarelado, porém um sabor azedo e com um aspecto gelatinoso, nesta última forma o mesmo não poderá ser ingerido com facilidade, deverá ser ingerido com auxílio de uma colher especificamente. O que segundo Luft, “Pura res extensa, dirá Descartes, uma coisa, algo que possui extensão e, assim, pode ser quantificado.”<sup>8</sup>

<sup>7</sup>LUFT, E. . Subjetividade e natureza. In: Konrad Utz; Agemir Bavaresco; Paulo Roberto Konzen. (Org.).

**Sujeito e liberdade** : investigações a partir do idealismo alemão. 1ed.Porto Alegre: Edipucrs, 2012, v. , p. 205-219.

<sup>8</sup>Id. Ibid, p. 206

O que demonstra que coisas ao nosso redor estão em movimento constante, passível de transformação em seu aspecto físico e que poderá ser quantificado com mais facilidade do que outrora se pensava. A partir desse exemplo se reflete a determinado objeto pela sua existência, mesmo ele sendo leite em sua essência agora se tornava outra coisa em outro estado, enfatizando que a crise da autointerpretação está em justamente não perceber que se pode determinar as coisas pela sua extensão. Posteriormente autores discutirão essa relação estabelecida entre algo determinado e o sujeito livre, bem como as reflexões sobre objetos em um sentido a priori.

A opção do próprio Descartes é pensar estes polos como esferas ontológicas independentes, na famosa distinção metafísica entre res extensa e res cogitas, entre a máquina determinada e o sujeito livre e pensante. Já em Kant, o dualismo é instaurado no contexto da contraposição transcendental entre nosso modo de conhecer objetos como fenômenos subsumíveis a juízos sintéticos a priori, quer dizer, como eventos subsumíveis a leis naturais<sup>9</sup>

Não se pode excluir essas reflexões acerca da subjetividade dentro da modernidade, afinal de contas tem sido debate no campo da filosofia, ou por dualismos ou por valorização a natureza ou a subjetividade propriamente dita. Confrontar com o esclarecimento do ser onde ele ousa perguntar se ele existe, ousa usar a razão a fim de se fazer valer de seu próprio entendimento, vai defronte a diversas situações, e diante de inúmeras crises existentes a ciência alcança um espaço ainda não calculado.

Com as mais diversas compreensões sobre o que existe, o ser, a relação com o outro e consequentemente o esclarecimento sobre o próprio entendimento, autores diversos difundiram suas teorias, expuseram o que até então estava debaixo de sua menoridade culpada<sup>10</sup>, saem de um período fadado ao não esclarecimento e vislumbram objetos e situações passíveis de análise, de interpretação, de valorizar a ciência como tal, considerando que dentro dessa relação científica a modernidade trouxe conflitos gigantescos aos teóricos de cada período.

É neste período que a filosofia kantiana ganha especial atenção, ao discorrer sobre a saída da menoridade, do uso da razão, ao quebrar paradigmas que até então serviam como dogmas para quem quer que fosse, observando que o esclarecimento parte de uma compreensão própria. É exatamente nesse ponto que queremos explicitar a nossa pesquisa, a saber: ao relacionarmos a tradição moderna, particularmente a filosofia kantiana, com o filme “O Rei Leão 3: Hakuna Matata”, podemos destacar as ações de determinados personagens, ao romperem com os

---

<sup>9</sup>LUFT, 2012, p. 207

<sup>10</sup>KANT, Immanuel. “**Reposta à questão: que é iluminismo:**” (1784). In: A Paz Perpétua e Outros Opúsculos. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 12



padrões estabelecidos em sua comunidade, em vislumbrar uma nova forma de viver, que não fosse a que estava sendo seguida, assumindo riscos advindos com o esclarecimento. Nesse sentido, faz-se pertinente destacar o filósofo Kant no contexto da modernidade com o propósito de identificar nesse cenário elementos temáticos do filme “O Rei Leão 3” com os referidos pressupostos kantianos.

## 2.2 “Esclarecimento” em “ O Rei Leão 3 Hakuna Matata”

O pensamento kantiano apresenta-se de maneira ímpar na filosofia moderna, especificamente a partir do século XVIII com o Iluminismo, quando este estabelece a crítica aos princípios dogmáticos que organizava a sociedade da época<sup>11</sup>, que agora passa a ser baseada no critério racional das ciências e não em uma metafísica religiosa e sim a um novo entendimento: a metafísica dos costumes, partindo desse pressuposto é apresentada uma nova maneira de fundamentar a ética e a moral.

A influência da relação histórica para a construção desses conceitos e sua aplicação na sociedade é necessária para compreender os aspectos teorizados e principalmente como ela tem operado estes conceitos. A ciência ganha um espaço notório, tornando-se uma autoridade no ramo do conhecimento, e que sem dúvida o epílogo de Kant ao procurar responder o questionamento: O que é o iluminismo? Torna-se uma referência ao falarmos de modernidade.

Com o iluminismo a modernidade tem sua ascensão, valoriza-se a racionalidade, a saída da menoridade, segundo a qual as pessoas estão imersas por vontade própria e que para se chegar ao esclarecimento seria necessário revogar antigas amarras do conhecimento, que fadavam a um único lugar, seguir aos ideais de terceiros sem estranhar tal situação.

A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem.<sup>12</sup>

A menoridade representa um período de cegueira, de conformidade, ou por assim dizer de trevas que limitava o agir e o pensar do homem num período pré-moderno, e que para sair de tal situação era necessário ter coragem e fazer uso do próprio entendimento, conforme Kant,

---

<sup>11</sup> KANT, 1988, p.1

<sup>12</sup> Id. Ibid. p. 1

“Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!”;<sup>13</sup> isto resultaria em uma nova compreensão da ciência.

No filme “O Rei Leão 3: Hakuna Matata”, lançado em 2004, pela Walt Disney Pictures, narra uma nova aventura, que já fora iniciada em “O Rei Leão 1”, porém desta vez os personagens que antes apresentaram-se de uma forma secundária, agora são protagonistas, Timão (o suricate) e Pumba (o javali), trazem recortes do filme de uma forma única, como o Timão diz “uma visão íntima da história dentro da própria história”, nos deparamos com situações que vista nos filmes anteriores não é percebida, com a qual iremos observar uma relação filosófica entre elas e a filosofia kantiana.

O personagem Timão não estava vivendo em harmonia com o seu grupo de suricates, vivia se metendo em confusão e quase sempre desmoronava com a toca da família, ou seja, significa o mesmo que romper com paradigmas pré-estabelecidos àquela pequena comunidade de suricates, que seguiam acomodados com a situação, assemelhando a uma época escura, aqueles séculos em que apenas se seguiam o que era ordenado, sem questionamentos ou liberdade de ação, assim era a vida na toca de Timão, sem espaço para novas aspirações, até aquele momento todos inclusive o próprio Timão faziam parte de uma menoridade.

Fazer parte da menoridade era cômodo, onde as decisões mais simples eram tomadas por terceiros, representado pelo personagem do Tio Max, que remetia a ideia de jamais saírem da toca, de serem vigilantes aos preceitos repassados, e seguidos sem questionamentos, às reflexões eram disseminadas com tamanha facilidade, pois pensar consumia por demais as mentes dos que faziam parte da menoridade e que em determinado momento isto se apresentava mais uma menoridade por opção própria. Ser guiado por tutores ou líderes fossem eles religiosos ou não se tornava algo mais natural do que procurar refletir a própria organização, ou formas de vida, o que conseqüentemente seria motivo de estranhamento e que os tornaria livres.

Kant discorre sobre ação do ser pensante, e em seu epílogo destaca principalmente a religião como uma das que mais tem a tutela do conhecimento e que difunde aquilo que lhe for conveniente, partindo em seguida para outras esferas onde se possa agir com liberdade de acordo com a razão.

Apresentei o ponto central do Iluminismo, a saída do homem da sua menoridade culpada, sobretudo nas coisas de religião, porque em relação às artes e às ciências os nossos governantes não têm interesse algum em exercer

---

<sup>13</sup> KANT, 1988, p. 1

a tutela sobre os seus súbditos; por outro lado, a tutela religiosa, além de ser mais prejudicial, é também a mais desonrosa de todas. <sup>14</sup>

Sair da menoridade era sinal de riscos, tanto para quem sairia dessa situação que conseqüentemente se deparava com um vasto conhecimento e uma parcela de liberdade, como as inúmeras vezes em que no filme Timão desmoronava a toca, ao tentar levar novos instrumentos de auxílio a vida na toca, ou as incessantes tentativas de fuga.

O personagem em questão percebia que a toca, a forma como os demais suricates estavam vivendo poderia ser diferente, eles poderiam ver a luz e senti-la sem o medo que os sucumbiam cotidianamente. O risco se estendia tanto para quem se manifestava, bem como para quem detinham o conhecimento, como o personagem Tio Max que lidava com tudo como um único padrão, sem espaços para qualquer palavra ou ação de Timão, pois a quem externasse o desejo de usar da própria racionalidade o colocaria de lado, ou até mesmo ultrapassaria mentores ou reflexões que eram depositadas, até mesmo leis seguidas como que uma devoção.

É, pois, difícil a cada homem desprender-se da menoridade que para ele se tomou [483] quase uma natureza. Até lhe ganhou amor e é por agora realmente incapaz de se servir do seu próprio entendimento, porque nunca se lhe permitiu fazer semelhante tentativa. Preceitos e fórmulas, instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes, do mau uso dos seus dons naturais são os grilhões de uma menoridade perpétua. <sup>15</sup>

A menoridade é a representação de um período de limitações, do agir, do pensar, do viver e que sair desta situação significaria romper com paradigmas depositados, sobretudo ter o cuidado de não se fadar a um fim onde o esclarecimento não tenha ultrapassado a menoridade que se cultivou interiormente.

Por meio de uma revolução talvez se possa levar a cabo a queda do despotismo pessoal e da opressão gananciosa ou dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar. Novos preconceitos, justamente como os antigos, servirão de rédeas à grande massa destituída de pensamento. <sup>16</sup>

Kant nos faz pensar que podemos agir mediante o uso da razão, definindo entre o uso público e privado, e que por hora o sujeito desviasse de seus instintos ou necessidades e agir de forma racional, fazer uso da razão definiria sua participação enquanto um ser que se esclarecia ao passo que compreendia suas ações e certamente que entendia como este empregava a razão,

---

<sup>14</sup> KANT, 1988 p.7

<sup>15</sup> Id. Ibid, p.2

<sup>16</sup> Id. Ibid, p.2

se em sua comunidade profissional ou se estendia a mesma para além do público o qual estaria habituado.

Por uso público da própria razão entendo aquele que qualquer um, enquanto erudito, dela faz perante o grande público do mundo letrado. Chamo uso privado àquele que alguém pode fazer da sua razão num certo cargo público ou função a ele confiado.<sup>17</sup>

Distinguir o uso da razão seria ainda um largo passo para que houvesse o esclarecimento, o sujeito não apenas manifestaria seu próprio entendimento, ele teria que ter clareza e refletir onde, quem e como o faria. Assim como nosso personagem Timão, que antes de seguir em busca de um novo lugar, procurou formas de expor, primeiramente a comunidade em que se encontrava e posteriormente a terceiros o qual não possuía um vínculo como o estabelecido em sua comunidade.

Kant traz essa reflexão e apresenta a possibilidade de sair da menoridade culpada os fiéis que seguem as leis religiosas ou orientações de seus tutores, os privando automaticamente de tomar decisões movidos pela razão ou o mínimo esclarecimento possível, não é esquecer ou criar uma nova forma de manter uma menoridade a terceiros, mas de se fazer valer de um entendimento próprio em detrimento também da moral, sem ferir os princípios fundantes ao agir.

Se a natureza, sob este duro invólucro, desenvolveu o germe de que delicadamente cuida, a saber, a tendência e a vocação para o pensamento livre, então ela actua também gradualmente sobre o modo do sentir do povo (pelo que este se tornará cada vez mais [494] capaz de agir segundo a liberdade) ”.  
18

Autores da atualidade refletem sobre Kant ao enfatizar sua relação com um idealismo instaurado após suas reflexões sobre o uso da razão, a coragem em fazer-se de seu próprio entendimento, e também por críticos que confrontaram sua reflexão apontando outros caminhos para uma interpretação da modernidade.

---

<sup>17</sup> KANT, 1988, p.3

<sup>18</sup> Id. Ibid, p.7

### 3 DEMAIS PRESSUPOSTOS KANTIANOS EM “O REI LEÃO 3”: UMA POSSIBILIDADE ARGUMENTATIVA

Neste capítulo iremos relacionar os conceitos presentes na obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* de Immanuel Kant com os personagens da obra cinematográfica “O Rei Leão 3: Hakuna Matata”, na tentativa de compreender se os personagens principais estabelecem um ideal ético usando da racionalidade, partindo da descrição da obra cinematográfica aos conceitos de boa vontade, imperativo categórico, autonomia e heteronomia.

#### 3.1 Descrição da obra cinematográfica

A obra cinematográfica O Rei Leão 3: Hakuna Matata, foi lançado em 2004 pela Walt Disney Pictures com duração de 77 minutos, narra a história com traços semelhantes ao primeiro filme, lançado em 1994, porém com um diferencial, este terceiro filme traz detalhes de dois personagens que até então eram personagens secundários, de uma participação rápida, como um apoio ao personagem principal Simba, o filho do Rei Leão Mufasa.

No presente filme os personagens Timão e Pumba aparecem de forma mais direta e iniciam o filme através de uma conversa, questionando sobre o início da história. O filme inicia como o primeiro, com a música “O ciclo sem fim”, enquanto o sol vai nascendo na savana e os animais olham a riqueza da natureza, momento este que o personagem Timão faz uma pequena paródia envolvendo o javali Pumba, sendo que o javali surge emocionado e reflete sobre a música dizendo: “eu vou te contar Timão essa canção sempre me toca bem aqui” e após o suricate Timão ao concordar com o amigo, surge com um controle remoto e começa a passar partes do filme “O Rei Leão”, tentando iniciar da parte em que os mesmos aparecem, mesmo sem seguir uma ordem.

Eis que surge um conflito onde o Pumba deseja voltar para o começo da história a fim de que ninguém fique confuso, já Timão insiste em seguir de onde aparecem por não estarem no começo da história, sendo contestado por Pumba ao afirmar que estavam lá desde o começo, só não foram percebidos, então após várias cenas reprisadas, os mesmos decidem contar a história deles, “um passeio entre os bastidores, uma visão íntima da história dentro da própria história, mostrar como estiveram lá, embora saibam que estiveram lá”, não voltaram para o princípio como sugerido por Pumba, mas para antes do princípio como faz Timão.

Os personagens iniciam fazendo uma apresentação da pedra do Rei, enchendo de adjetivos, com a finalidade de passar a grandiosidade que representava aquele lugar, símbolo da realeza, um lugar de destaque na savana, onde se tinha uma ampla visão do reino, era uma pedra pontuda com tons dourados em volta de uma vegetação esverdeada. Eis que após alguns adjetivos pronunciados, Timão faz o questionamento ao Pumba, de porquê estarem falando dessa forma, pois era apenas uma rocha, e Pumba o explica que este lugar era onde os animais admiravam o Rei Leão, sendo contestado por Timão ao relatar que na terra dele não tinha uma Pedra do Rei como essa, e em seguida o suricate questionador mostra como era sua terra, que o mesmo diz ser nada bonito.

Timão mostra um lugar distante da pedra do rei, que ele chama de cova da vergonha, os suricates viviam tão por baixo, que viviam em subterrâneos, iniciando em seguida uma música interpretada pelos suricates para demonstrar como viviam, o medo das hienas e intermináveis trabalhos cavando túneis, que a vida dos mesmos era só cavar e reforçar a toca, e que repetiam tal ação continuando cavando, para não se tornarem presas fáceis, um local escuro, sem espaços para novas aspirações.

A Mãe de Timão começa a chamar o filho que não se encontra no local, e ao perguntar para Tio Max o mesmo reage de maneira como se o túnel fosse desabar ou algo desagradável fosse acontecer, relatando que é um belo dia, pois nada do gênero aconteceu, até que a toca desaba e todos olham para Timão tentando sair da toca, que recebe vários comentários desagradáveis como demolidor ou que ele era o único que poderia arrasar a toca, que bateu o recorde de desastres, no momento em que a mãe do mesmo tenta contornar a situação e Timão andando pelos destroços diz que “só queria jogar um pouco de luz na existência patética” dos mesmos.

Continuando com as orientações da Mãe de Timão, dizendo que isto não pode continuar, pois o mesmo desmoronou quatro paredes e destruiu duas saídas dentro de um mês, que a sobrevivência deles depende de cuidar bem uns dos outros. Sendo questionada por Timão que diz que só o que fazem “é cavar para nos esconder e nos esconder para poder cavar”, que quer viver onde não tenham que cavar túneis e viver com a cabeça na areia, momento em que o mesmo abre um arbusto iluminado com os raios dourado do sol que iluminava toda a savana e ao ver uma luz deste infinito interroga sobre qual o problema em sonhar em um lar melhor?

Tem sua resposta ao sua Mãe mostrar o horizonte, para ele ver além do horizonte, além das árvores, além da pastagem, tudo o que a luz do sol toca, neste momento Timão aparece repleto de esperança, contente, mas ela finaliza dizendo que tudo isto pertence a outras pessoas, deixando timão sem expectativas, surgindo Tio Max dizendo que a Mãe de Timão tinha razão,

que os suricates são comidas para outros animais, temidos por ninguém e comido por todos. Momento em que Timão tenta explicar que quando os animais morrem se transformam em grama e os suricates comem grama, essa frase é semelhante a proferida por Mufasa quando explicava sobre o ciclo da vida e o reino para Simba, presentes no filme 1.

Ela insiste que há um jeito de Timão se adaptar a forma como vivem, tentando procurar formas para envolver timão no serviço da família, sugerindo que o mesmo fique no posto de sentinela, lugar de guarda onde um suricate fica de prontidão para informar se as hienas aparecerem, porém tio Max não acha a ideia boa devido aos inúmeros momentos desagradáveis causados pelo pobre suricate, para o convencer ela diz que é fora da toca, sob o céu azul, sendo aceito por todos, pois ninguém o queria mais na equipe de cavadores, sendo orientado por tio Max para: correr, cheirar e disfarçar no posto de sentinela, afim de perceber se as hienas estão se aproximando e poder informar a todos em tempo, Tio Max fala para Timão que o mundo lá fora está repleto de perigo, o alertando dos perigos se o mesmo não seguir as determinações.

O suricate Timão começa a pôr em prática os ensinamentos de tio Max, estando ele no seu posto sobre uma pedra em baixo de uma árvore vendo o seu redor, porém ao seguir com o ensinamento de correr, cheirar e disfarçar, o mesmo começa a se empolgar com seu estado, vindo a cantar e dançar, não percebendo que as hienas estavam na pedra ao lado observando o pequeno show.

Com a seguinte música ele segue: “a vida é mais que medo que ser um lanchinho de alguém, eu não sou somente um brinquedo sei me defender muito bem, escavação é assunto passado eu quero uma nova missão, vou me mexer e ficar acordado não posso virar refeição, eu tô a fim de cuidar de mim, vou te dizer o que um suricate quer (...) eu quero sombra e água fresca e um sorvete na mão, sem me preocupar com túnel ou escavação, e se alguém me perguntar diga que saí, é isso aí! Eu sempre fui bom em dar no pé (...) eu sempre fui presa de um bicho qualquer, mas esse tempo acabou, hienas adeus este é um sonho meu”.

Após a música as hienas surgem atrás de Timão o aplaudindo, deixando Timão em choque, não conseguindo gritar para avisar aos demais, levando um tapa de uma das hienas indo rolando até a toca onde estão todos tentando concertar o desastre, momento em que topa com o Tio Max que o adverte e logo ver as hienas e grita desesperado, ficando todos os suricates correndo em pânico e as hienas como em um banquete tentando escolher os melhores, até que todos conseguem se esconder na toca, com as hienas saindo felizes, pois foi mais um momento de diversão para elas.

Todos ficam chateados com Timão e ele tenta se explicar, mas ninguém o aceita, todos viram as costas para Timão que sai entristecido da toca, e sentando na pedra do sentinela reflete

que ninguém gosta dele, que ele tem que achar um lugar que não é ali. Mãe do Timão tenta explicar que é ali que ele tem que ficar, que encontrarão um lugar para ele, mas o suricate desta vez insiste que tem que sair daquele local, que não sabe se é perto ou longe, mas tem que ir, é uma cena de despedida com toque musical ao fundo dramatizando a cena, momento em que a Mãe de Timão diz para ele que espera que o mesmo ache aquilo que procura, estando os dois abraçados, cena em que Timão decide partir vislumbrando o horizonte, seguindo por campos banhados pelo sol, para um lugar onde nenhuma suricate ousou ir, com coragem deixou o passado para trás.

Mas sob o céu estrelado embaixo de uma árvore no meio do nada, começa a chorar, tentando encontrar uma resposta, se questionando sobre o que está fazendo ali, para que lado ir, quando aparece o sábio macaco Rafiki o respondendo que depende do que ele procura, o surpreendendo e questionando aonde Timão iria, com o suricate respondendo todo esperançoso que é um lugar maravilhoso, bem sossegado, onde não tenha que se esconder ou se preocupar, o sábio o pergunta se ele queria uma vida sem problemas, que seria o Hakuna Matata.

Timão audacioso pede para o macaco desenhar um mapa para ele, sendo repreendido pelo mesmo e diz para o suricate que para achar o Hakuna Matata ele deve olhar para além do que ver, o deixando com este pensamento, ao passo que Timão vai rompendo com os limites do que está próximo e vai tentando encontrar algo para além, vendo ao horizonte a pedra do rei, que ele chama de grande pedra pontuda, achando ali ser o Hakuna Matata, tenta confirmar com o sábio, porém o mesmo já tinha desaparecido, eis que Timão parte em sua jornada.

Entre as ramas, em um clima de suspense, corre desesperado de algo, quando se depara com o javali Pumba, e iniciam um diálogo tentando explicar a situação de estar correndo desesperado e do javali tentar o ajudar, já que Timão é um ser tão pequeno em estatura e sozinho, explicando ao suricate que os animais tentam ficar longe dele também, eis que Timão se identifica com Pumba e percebe no animal como ele pode o ajudar em sua trajetória, Pumba o chama de amigos e Timão ainda o chama de conhecido, fazendo perguntas sobre o que gosta de comer, terminando afirmando que essa situação pode ser o início de um belo conhecimento.

Após o encontro dos dois, uma cena aparece fazendo referência ao início do filme do Rei Leão 1, onde os dois conhecidos aparecem caminhando na savana com o sol nascendo ao fundo, e a canção de abertura sendo entoada, quando se deparam com vários animais correndo na direção dos dois, que assustados tentavam desviar dos demais animais do reino, seguiram para o objetivo vendo de perto a grande pedra pontuda, inebriados com uma grande alegria correm em direção a pedra, sendo surpreendidos pelos animais que estavam à espera da apresentação do filho do Rei Leão, onde Timão interpretou que o macaco poderia ter falado



para todos o mesmo que disse para Timão, e Pumba o ajuda que talvez ele devesse olhar para além da pedra pontuda.

O sábio Rafiki surge no topo da pedra segurando o pequeno leão Simba, mas Timão continua sua trajetória para o lugar após a pedra, em meio aos animais os dois seguem, Pumba não se sente bem, mas o suricate insiste e onde estavam acaba causando algo levantando um mal cheiro derrubando uns animais, e os outros achavam que eles estavam fazendo reverência ao filho do Rei e assim todos permanecem como em uma reverência, mas sem entender de fato o que havia acontecido, referente a cena da reverência ao filho do Rei no filme 1.

Assim continuam a história, trazendo elementos do primeiro filme, mas com maior presença destes personagens. Timão e Pumba chegam a um lugar agradável atrás da pedra do Rei, com um pequeno rio e alimentos frescos, quando Pumba o questiona se ele não iria chamar ninguém, se ele não seria solidário com outros animais, Timão diz que comunidade lembra a família dele e agora estava desfrutando de uma rede confortável, uma bela água corrente e era tudo dele, deixando Pumba um pouco triste, pois até então Timão não havia mencionado que Pumba poderia ficar.

Pumba sai tristonho e Timão o chama de volta, onde passam a noite, porém ao amanhecer são surpreendidos com um grande barulho, este é o momento em que Simba no primeiro filme canta a música “O que eu quero mais é ser rei”, deixando timão irritado com a suposta vizinhança barulhenta, dando continuidade a jornada em busca do Hakuna Matata. O javali explica para Timão que sabia de um lugar semelhante ao que o suricate estava procurando, um lugar com grandes cachoeiras, à beira de um oásis tropical, com uma comida deliciosa, mas é interrompido pelo suricate ao dizer que tudo isso era imaginário e que logo encontraria o lugar que o seu sentimento iria reconhecer. Se deparam então com o cemitério de elefantes, lugar em que o Rei Mufasa proíbe Simba de ir, mas que Timão dizia ser lar doce lar, era um lugar “pitoresco, belo, rústico e uma reforma já resolveria” segundo Timão, mas de repente o Rei Leão Mufasa aparece correndo e uma discussão começa envolvendo as hienas, ao ver a cena Timão muda de ideia e prefere continuar procurando. “Além do que ver” se tornou um termo que Timão se afeioou e até então não entendia o real sentido, ele não queria escutar Pumba.

Ao passo que seguiam na jornada surgia cenas do primeiro filme, como o exército das hienas e o estouro da manada de gnus, momento em que Timão e Pumba são arrastados pela manada e caem no rio que segue para a cachoeira, após a queda chegam em terra firme e o pequeno suricate encontra-se deitado no chão ao lado do rio com uma flor nas mãos desistindo de procurar o tal lugar, Pumba tenta animá-lo, mas o suricate externa que prefere voltar pra casa

e que Pumba deveria fazer o mesmo, Timão só não contava que Pumba não tinha para onde voltar, cena triste, levando o suricate a refletir que também estava sozinho e chama o javali pela primeira vez de amigo, afirmando que amigos ficam juntos até o fim.

Os amigos caíram no lugar que procuravam, Timão ao amanhecer, ainda não conseguia perceber o que estava a sua volta, porém o javali mostra ao suricate. Timão faz uma apresentação do lugar, mostrando as belas paisagens, grandes cordas para balançar, banheira de hidromassagem natural e estoque de alimentos, lembra então que o sábio macaco Rafiki estava certo sobre o lugar, tentando lembrar o nome que tinham dado, enquanto Pumba preparava umas refeições e Timão tentava lembrar do nome, quando o javali acaba topando em Timão, o suricate irritado acaba gritando com Pumba, em seguida reconhece que não deveria ter gritado e pede desculpas, Pumba responde: “Hakuna Matata” que quer dizer, sem problemas, deixando Timão surpreso, esta era a palavra que ele estava tentando lembrar, seguindo com as cenas dos dois amigos cantando a música do Hakuna Matata.

A cena seguinte surge a Mãe de Timão conversando com o sábio macaco Rafiki, este contando a ela o que havia falado para Timão, ela diz a ele que tudo isso era uma metáfora e o repreende, o sábio disse que não se tratava de uma metáfora, mas a mãe de Timão não o deixa explicar e segue em busca de tentar encontrar o filho, pois Timão não entendia metáforas, levava tudo ao pé da letra.

O filme continua na cena em que os personagens Timão e Pumba encontram o pequeno leão Simba rodeado de abutres, salvam o filhote e o leva para o Hakuna Matata, passando cenas de quando Simba ainda filhote sentia falta da família no meio da noite, e durante o dia brincava com os dois amigos que se tornaram a família de Simba. Até que o leão se tornou mais jovem e em um fatídico dia apareceu uma leoa, Nala que era amiga de infância de Simba, e havia fugido do reino em busca de alimentos, pois devido a morte de Mufasa o Rei Leão e pai de Simba, Scar assumiu o trono com a saída de Simba, e pior que isso Scar o tio malvado de Simba deu plena liberdade para as hienas, deixando o reino sem o equilíbrio entre os animais, ficando escasso de alimentos.

Quem não estava gostando da situação era Timão, que estava vendo Simba e Nala muito próximos e a qualquer momento Simba poderia os deixar, dando início aos inúmeros planos para tentar separa-los. Permanecer no Hakuna Matata não dava para Nala que queria levar Simba de volta para o reino, porém os dois acabam entrando em conflito, pois o jovem leão tinha medo de assumir o trono, além de sentir-se culpado pela morte de seu pai. Ao perceber que os dois leões haviam se desentendido Timão se sente aliviado e achava que Simba permaneceria com ele, nesta mesma cena surge no céu uma nuvem que toma a forma do rei

Mufasa e conversa com Simba a cena típica do filme 1 que encoraja o jovem leão a ir para o reino e destronar Scar.

O suricate pensa que tudo está bem, mas na mesma noite Simba segue em direção ao seu reino sem dizer nada a Timão e Pumba, ficando Nala que explica a situação e como aconteceu toda a história e pede a colaboração dos dois, Pumba se emociona com tudo o que o leão Simba passou antes de ser encontrado, já Timão fica mais resistente, pois não queria abrir mão do Hakuna Matata, o suricate ainda não tinha entendido o significado da frase: olhe além do que ver que o macaco Rafiki tinha deixado para ele.

Pumba segue para ajudar Simba, deixando Timão no Hakuna Matata sozinho, o suricate não queria sair e pensava que tudo iria ficar bem, mas com o passar dos dias percebe que nada fazia sentido estando sozinho naquele paraíso, o sentido dado ao lugar só era completo quando estavam todos reunidos, era quem realmente importava.

O sábio macaco Rafiki aparece onde estava Timão surpreende o suricate, e Timão logo começa a falar que estava bem feliz e tinha encontrado o lugar dos sonhos e imita a forma como Rafiki fala, “porque parece angustiado?” E respondendo a si mesmo afirma que não sabia o que estava sentindo, só sabia que os dois amigos o deixou para trás e seguiram em uma missão heroica, momento este em que o suricate percebe que o Hakuna Matata que ele tanto procurava foi com eles, não estava mais ali, o macaco em nenhum momento pronunciou alguma palavra ao suricate, que percebeu o que realmente importava e seguiu ao encontro dos amigos.

Encontra-se com Pumba no meio do deserto e diz ao javali que amigos ficam juntos até o fim e seguem em direção ao reino para ajudar Simba. O reino não parecia mais com aquele lugar familiar, com campos verdes e uma pedra do Rei majestosa, agora estava tudo seco e sombrio, nuvens de uma tempestade se juntava sobre a pedra do rei onde se encontrava Simba e Scar rodeado de hienas; logo em seguida surge Timão e Pumba cantando e dançando para chamar a atenção das hienas que estavam dominando o reino.

Aparecem na cena a Mãe de Timão e Tio Max, Timão apresenta sua família ao Pumba, enquanto isso ao fundo da cena está Simba à beira da pedra do Rei sendo ameaçado por Scar e as hienas. Pumba pergunta a Timão o que fazer, e o suricate diz ter um plano e que precisava que sua mãe e seu tio construísse um alçapão e que cavassem túneis enquanto ele e Pumba iriam tentar tirar as hienas de próximo de Simba. Os túneis são cavados a tempo e o alçapão construído, porém quando tentam colocar o plano em ação para derrubar as hienas, um dos gravetos fica emperrado, deixando as hienas mais confiantes e prontas para atacar os suricates e Pumba, neste momento Timão corre pelas hienas e chega onde o graveto estava conseguido retira-lo em tempo, fazendo com que todas as hienas caíssem nos túneis e fossem para longe, e

Simba conseguindo se livrar de Scar, no filme 1 mostra o diálogo de Simba com Scar, onde Simba diz que não faria algo como Scar, de matar um membro da família, e sugere que ele vá para bem longe, porém Scar tenta atacar Simba que se defende, momento em que Scar acaba caindo de onde estavam chegando em um lugar mais abaixo onde as hienas estavam já revoltadas, pois havia escutando Scar dizendo a Simba que tudo que tinha acontecido era culpa delas.

Uma cena cheia de aflição, pois no meio de tudo isso não se encontrava Timão nos escombros, mas quando a poeira passou o suricate aparece, deixando sua mãe e seu tio orgulhosos, Tio Max que sempre repreendeu o jovem sobrinho o acolheu dentro de um abraço, Rafiki observava as ações e em meio a chuva Simba é coroado Rei, se concretizando o que Mufasa tinha dito para Simba quando ele ainda era um filhote: em uma cena do filme 1 quando o sol começa a tocar a pedra do Rei e iluminar a savana, o rei Mufasa explica para o filho que tudo o que o sol estava tocando era o reino deles e continua explicando que o tempo de um reinado se levanta e se põe como o sol, um dia o sol iria se pôr com o tempo de Mufasa e se levantaria com o de Simba como o novo rei, o filme 1 é repleto de muitas cenas marcantes entre Simba e Mufasa, o diferencial neste filme que estamos descrevendo, o filme 3, é que traz recortes do filme 1 e acrescenta uma maior participação dos personagens Timão e Pumba, que são personagens importantes para nossa reflexão.

Na cena final deste filme a mãe de Timão pergunta ao filho se ele encontrou o que procurava o suricate responde que tinha encontrado, mas não era o seu lar, e sim quando estavam todos juntos, Timão, então leva todos os suricates para o Hakuna Matata e se torna um herói ficando todos orgulhosos dele, de como tinha amadurecido e tomado consciência do que realmente significava olhar além do que ver e viver o Hakuna Matata.

Percorremos um longo caminho até aqui e pudemos perceber a trajetória de nossos personagens, além de observar a importância dos mesmos no destrinchar da trama, e perceber o perfil dos personagens que compõem este trabalho, ao passo que estarão sendo relacionados com a filosofia de Kant, tomando por base suas atitudes e preceitos do início ao fim do filme. Iremos compreender melhor qual a relação estabelecida entre o filme e seus personagens e a ética kantiana nos tópicos seguintes que compõem este capítulo.

### **3.2 A Boa Vontade**

É necessário compreendermos que a contribuição filosófica de Kant se vale de uma interpretação de conceitos vinculados a vivência do ser humano e sua racionalidade, possuindo

um diferencial ao passo que entendemos o real significado da vontade desse mesmo ser, uma vontade pura, livre de aspirações externas, é neste sentido que se fundamenta uma metafísica dos costumes.

Não bastava Timão simplesmente querer sair da toca onde morava e buscar um lugar sem problemas, onde não precisasse trabalhar, e sim entender que a trajetória que o personagem havia iniciado era um passo para compreender o que de fato seria sua vontade, para além de uma satisfação pessoal.

Conforme afirma Kant “Com efeito, a Metafísica dos Costumes deve investigar a ideia e os princípios duma possível vontade pura, e não as acções e condições do querer humano em geral”. E arremata que esta “Fundamentação nada mais é, porém, do que a busca e fixação do princípio supremo da moralidade, o que constitui só por si no seu propósito uma tarefa completa e bem distinta de qualquer outra investigação moral”.<sup>19</sup>

Na primeira seção da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* podemos perceber que a ideia de boa vontade é apresentada como um padrão<sup>20</sup> da moralidade, “nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação a não ser uma só coisa: uma **boa vontade**”<sup>21</sup> por ela ser muito mais do que qualidades, ou boas ações realizadas com uma finalidade proposta, e sim ao que ela é em si mesma, a intenção que a leva a ter seu pleno valor. A boa vontade deve prevalecer a fim de que seja corrigida qualquer ação que não seja boa.

Com efeito sem os princípios duma boa vontade, podem elas tornar-se muitíssimo más, e o sangue frio duma facínora víbora não só // o torna muito mais perigoso como o faz também imediatamente mais abominável ainda a nossos olhos do que o julgaríamos sem isso. <sup>22</sup>

Sem o princípio da boa vontade qualquer ação ou qualidade que o ser carrega pode tornar-se algo que contraria este princípio, se torna perigoso pressupor agir sem uma boa vontade, se a vontade e o caráter não forem bons, mesmo que ajam qualidades como a coragem, ou virtudes como a moderação das paixões e a autorreflexão, “a boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão somente pelo querer, isto é, em si mesma e considerada em si mesma”.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> KANT, 2007, p.19

<sup>20</sup> BOTTON, Alexandre Mariotto. **Autonomia da vontade e interesse moral em Kant**. Santa Maria: UFSM, 2005

<sup>21</sup> KANT, 2007, p. 21

<sup>22</sup> Id. Ibid, p. 22

<sup>23</sup> Id. Ibid, p. 23

A boa vontade está para além das disposições naturais<sup>24</sup>, constitui assim um padrão de comportamento moral como propriedade da razão, algo que deveras ser pensado, surgindo às discussões de como um ser repleto de limitações, fundamenta seu agir mediante a boa vontade, que mesmo inserido em um meio social, procura agir conforme a razão.

Porque a razão, que reconhece o seu supremo destino prático na fundação duma boa vontade, ao alcançar esta intenção é capaz duma só satisfação conforme à sua própria índole, isto é a que pode achar ao atingir um fim que só ela (a razão) // determina, ainda que isto possa estar ligado a muito dano causado aos fins da inclinação.<sup>25</sup>

Contudo, para compreender o referido conceito de uma boa vontade, faz se necessário entender a relação estabelecida entre o conceito de *dever*, que carrega o de boa vontade, contrastando com limitações e obstáculos que a fazem reluzir<sup>26</sup> diante de ações movidas pelo dever, que esclarece o de boa vontade ressaltando o valor presente nas ações. Botton assim ressalta

A partir da análise do conceito de *dever*, Kant deixa suficientemente claro que não é possível uma lei da moralidade que não seja ao menos conforme o dever. Mas, a simples conformidade ao dever também não garante que uma ação seja moralmente boa<sup>27</sup>

Agir conforme o dever é livrar-se de inclinações que de início guiam e causam conforto ou sentimentos de honradez diante de uma ação realizada, por mais nobre que a ação seja ou aparenta ser, por mais caridosa que seja a atitude, se este indivíduo agir de forma imediata não carrega em si o valor moral, este, pois deve agir, mesmo que isto lhe cause sofrimento, conforme o dever.

Nesse sentido, há um cena no “Rei Leão 3” que Timão recorre à prática de cavar túneis, no momento em que Simba tenta salvar o reino de seu tio Scar, Timão o suricate que odiava cavar túneis, que saiu de sua toca para tentar encontrar um lugar sem as preocupações da toca da vergonha, não movido por satisfação pessoal, recorre a agir como um verdadeiro suricate, compreende que só cavando túneis poderia dispersar as hienas, mas a cena fica mais trágica quando um pedaço de madeira usado para sustentar não cai com os demais, neste momento

<sup>24</sup> O que posteriormente poderia ser atrelada ao instinto como um resultado natural de qualquer ação ou sentimento advindo com ela, o comportamento e fins de ações, bem como o meio, seriam levados pelo viés da natureza do homem.

<sup>25</sup> KANT, 2007, p. 26

<sup>26</sup> Id.Ibid, p. 26

<sup>27</sup> BOTTON, 2005, p. 23

Timão se lança no túnel e derruba a base para que as hienas caíssem na armadilha criada e não devorassem a todos.

O comportamento de Timão retira a noção de sentimentalismo externo e imediatista, pois o suricate após a situação reflete que se necessário fosse faria tudo novamente, como se de fato fosse um dever a ele realizar qualquer que fosse a ação, desejou cavar o túnel, ainda que isso fosse motivo de dor a ele, retirando a noção de satisfação do resultado da ação.

Uma ação praticada por dever tem o seu valor moral, não no propósito que com ela se quer atingir, mas na máxima que a determina; não depende portanto da realidade do objecto da acção, mas somente do princípio do querer segundo o qual a acção, abstraindo de todos os objetos da faculdade de desejar, foi praticada.<sup>28</sup>

Seguimos ao proposto por Kant ainda na primeira seção da transição da razão vulgar para o conhecimento filosófico, que “uma ação moral tem seu valor não no propósito que com ela se quer atingir, mas na máxima que a determina”<sup>29</sup>. Entendendo que a máxima seguida é tida com uma lei universal, aquilo que através de uma reflexão pode ser seguida por todos de sua comunidade, sem causar vergonha ou sem agir de forma imoral. Por exemplo, Simba quando filhote foge do reino por achar que ele tinha culpa na morte de seu pai o Rei Leão Mufasa, sendo que o verdadeiro acusado foi seu tio Scar, porém o filhote é encontrado por Timão e Pumba que apresentam o Hakuna Matata a Simba e ali permanece até sua juventude, esquecendo de seu dever enquanto filho do rei ou tentando esconder o que deveria ser feito.

Simba quando se dá conta que seu dever é restabelecer a ordem do reino se depara com muita hostilidade, porém segue sua trajetória, refletimos a uma proposição de Kant ao formular que “dever é a necessidade de uma acção por respeito à lei”<sup>30</sup>, seguir a linhagem real, Simba era o verdadeiro herdeiro ao trono, não poderia fugir daquela situação, tinha que seguir por respeito<sup>31</sup>, mesmo que isto significasse prejuízo as inclinações que foram adquiridas no Hakuna Matata, aos sentimentos de vida boa, felicidade, sem compromissos. Observando que a prática de sua ação possa se tornar uma regra geral, sem causar nenhum prejuízo a quem o quiser compreender como lei universal, sendo repassada posteriormente e vivida pelos membros daquela comunidade, rompe com as inclinações e necessidades que poderiam a impulsionar e

---

<sup>28</sup> KANT, 2007, p. 30

<sup>29</sup> Id. Ibid, p. 30

<sup>30</sup> Id. Ibid, p. 31

<sup>31</sup> Não ligado a sensibilidade que carrega a palavra, mas em obrigação a lei, ao que deve ser seguido (grifo meu). (Cf, KANT, 2007, p. 32), nota de *Kant*.

se ver a uma filosofia prática onde sua máxima pode ser estendida a todos os seres que são racionais.

### 3.3 O Imperativo da Moralidade

A segunda sessão da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* recorta a discussão kantiana levando em consideração a transição da filosofia moral popular para a metafísica dos costumes, desenvolvendo conceitos com aplicação prática, se procura ressignificar o conceito de dever rompendo com as prenoções vulgar ou popular, refletindo que embora muitas coisas possam acontecer *conforme* o dever é duvidoso crer que aconteçam *por dever* e tenham em si valor moral<sup>32</sup>, sendo necessário reflexão sobre a mesma, tendo em vista que inclinações ou intenções egoístas possam estar mais presentes do que a máxima da ação. Pascal afirma

O dever não é um conceito empírico: é uma ordem *a priori* da razão. A moral não se define pela usança do maior numero: é um ideal que a nossa razão nos propõe *a priori*. Não devemos pois apoiar as ideias morais nas lições da experiência; ao contrário, os exemplos dados na experiência devem ser dados em função do ideal moral: ‘não se poderia prestar pior serviço à moral do que fazê-la derivar de exemplos’<sup>33</sup>

Kant discorre que embora se faça o mais profundo exame de consciência, não se pode concluir que determinada ação não tenha sido um impulso de amor próprio, que tenha estado oculta por uma determinada ideia, o que poderia ser a verdadeira causa da vontade<sup>34</sup>. Podemos observar que ao comparar com Timão quando o mesmo após inúmeras tentativas de permanecer na toca, decide sair em busca de um lugar que pudesse viver sem as preocupações que a toca trazia, ou a forma agitada e sempre nômade, de instabilidade e subordinada aos predadores. Timão carrega em si que a situação em que vivem poderia ser diferente, porém não sabia como ou onde, e para isso decide partir em busca de respostas e é no trajeto que se pode perceber o início de uma grande reflexão sobre a sua própria decisão e as consequências que ela traria, atentando-se não apenas na ação, mas os princípios que levaram a ela.

É na saída da toca, na angústia de estar só em meio ao nada, longe de casa, que uma expressão o impulsiona a refletir o que realmente seria sua vontade, quando o sábio macaco Rafiki aparece logo no início da viagem de Timão estando o mesmo chorando achando ter

<sup>32</sup> KANT, 2007, p. 39

<sup>33</sup> PASCAL, George. **Compreender Kant**. Introdução e tradução de Raimundo Vier. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

<sup>34</sup> KANT, 2007, p. 40



tomado a decisão errada, não sabendo para onde ir, o sábio deixa a ele uma expressão para que ele possa olhar “além do que ver”, e é nesta expressão que encontramos uma reflexão moral, “o além do que ver” representando os princípios que o levaram a seguir com determinada vontade, não ver o exterior, mas o interior das coisas enquanto aquilo que deveria ser, não o que era, no caso de Timão perceber não o que estava vendo diante de seus olhos enquanto algo material, mas o que o levava a tomar determinada atitude, a seguir a vontade, o que para Timão não será tão fácil de perceber.

Conforme Kant

Tudo na natureza age segundo leis. Só um ser racional tem a capacidade de agir *segundo a representação* das leis, isto é, segundo princípios, ou só ele tem uma *vontade*. Como para derivar as acções das leis é necessária a razão, a vontade não é outra coisa senão razão prática.<sup>35</sup>

Agir segundo a vontade é escolher aquilo que a razão determina como bom, ou ao que poderia ser tomado como necessário, porém estando atento a não se deixar guiar pelas condições subjetivas do ser, mas ao seu sentido em si, a priori. Onde tal representação seria apresentada através das fórmulas de imperativos, que objetivamente poderiam ser aplicados de forma universal, algo determinado por aquilo que é bom e que é tomado de forma universal e não apenas agradável, que pode ser para uns e não para outros. Podemos dizer que sair da toca era necessário para todos, porém no primeiro momento apenas Timão percebe isto, os demais suricates, permanecem por achar que aquilo só traria benefícios ou prejuízos a Timão que se arriscava na jornada, e o alívio que ele representava em sair do local, a ação de Timão não é de todo modo a mais agradável, o medo caminhava com ele ao passo de ter um amigo que o protegesse, ou de estar em frente ao perigo e mesmo assim persistir.

Para Kant, os imperativos o qual estão guiando nossas ações se organizam em dois tipos, estando intimamente ligados com o interesse, seja em tomar interesse por algo ou agir por interesse. Que para isso reflete-se sobre um imperativo categórico e um hipotético, representados conforme as leis objetivas do querer em geral, sendo os hipotéticos como “meio para alcançar qualquer outra coisa que se queira” e categórico “aquele que nos representasse uma ação como objectivamente necessária por si mesma, sem relação com qualquer outra finalidade”<sup>36</sup>. Assim, na cena onde Tio Max aceita Timão como o sentinela ele ver que ali seria uma possibilidade em tirar o jovem suricate da toca já que o mesmo sempre causava desastres,

---

<sup>35</sup> KANT, 2007, p. 47

<sup>36</sup> Id. Ibid, p. 49

e a Mãe de Timão também ver no posto de sentinela como uma oportunidade de Timão sentir um trabalho leve diferente do cavar túneis, eles agem não pelo fato de o suricate ajudar a proteger a toca, mas movidos por uma boa ação de deixar o suricate em um outro ambiente, embora a Mãe de Timão queira proteger ele, não encontrava no filho a possibilidade dele vislumbrar algo fora da terra dos suricates, e Tio Max por mais que tenha ensinado a agir em caso de os predadores aparecerem, as hienas, encontrava no posto de sentinela um meio de Timão não causar mais desastres a toca, ou seja, agem segundo o imperativo hipotético, por mais que tenham uma boa ação utilizam o posto de sentinela como um meio e não um fim em si mesma.

E ainda nessa perspectiva de um imperativo hipotético também permanece Timão ao tentar viver em um lugar sem problemas, que denota uma felicidade a ele, utilizando da boa amizade de Pumba para chegar a determinado lugar, onde viveria sem problemas, com tudo em abundância, afinal de contas o nosso personagem estava sendo guiado pelo que via externamente e não ao que representava de fato a frase “olhar além do que ver”, sendo posteriormente confrontado em uma das cenas. O olhar além do que ver tinha bases da moralidade, não importa o resultado que se teria, mas a máxima que o levava.

Quando Timão e Pumba chegam ao Hakuna Matata depois da longa busca, pois a cada lugar que Timão achava ser o local perfeito se deparava com situações que perturbavam o sossego do suricate, chegam ao Hakuna Matata que é um lugar repleto de alimentos em abundância, sem predadores como as hienas, um amplo lugar sem a euforia da toca, Hakuna Matata além do lugar perfeito era uma forma de viver, o que seria uma vida sem problemas, porém podemos destacar como para além disso, quando nos deparamos com a própria tomada de consciência de Timão sobre o que de fato seria e onde estaria o Hakuna Matata e o que representava de fato a vontade do suricate.

Os personagens Pumba, Timão e Simba exercem um papel importante no filme, pois além de representarem os laços criados entre os dois animais e o jovem leão, também deixam sua contribuição passível de relação com a filosofia. Se fossemos pontuar os dois animais estariam na cadeia alimentar do leão e no filme se reforça sobre o equilíbrio que deve existir, o que seria o ciclo da vida, além de serem representados pela vida e morte, também podemos destacar o equilíbrio entre os animais menores que são presas e os predadores. Os três constroem uma amizade e mesmo o jovem leão se sentido culpado pela morte de seu pai o Rei leão Mufasa, tenta no Hakuna Matata encontrar um novo sentido para sua vida; mas quando se tem uma obrigação a seguir algo fala mais alto, e é neste sentido que ressaltamos a presença de Simba, que teve que romper com a ideia que tudo estava bem, que a fuga e o fato de estar

escondido tinha resolvido toda a situação. Simba tinha que seguir mesmo que aquilo fosse contra sua inclinação, pois a vida no Hakuna Matata era perfeita. O que emerge de Simba é algo mais forte do que ele possa imaginar e ainda mais profundo do que podemos estabelecer, não é o Rei Mufasa que fala a Simba, mas o próprio interior e também as características físicas dele que denotam sua linhagem e o que ele deveria seguir.

Só a lei traz consigo o conceito de uma necessidade incondicionada, objetiva e consequentemente de validade geral, e mandamentos são// leis a que tem de se obedecer, quer dizer que se tem de seguir mesmo contra a inclinação.<sup>37</sup>

O jovem Simba percebe que tem que fazer algo e isto estava dentro dele e só assim tudo voltaria para o seu devido lugar, importante frisar que Nala a leoa traz notícias do reino, informando a Simba que os alimentos estavam escassos, que Scar havia dado poderes as hienas e não se importavam com o ciclo da vida, tudo ao redor da pedra do reino era sofrimento e somente Simba poderia colocar tudo em ordem, após as relutância do leão e uma reflexão onde percebe que deveria partir, ressaltando que essa tomada de consciência é deixar as amarras de uma menoridade e perceber que os motivos a priori da vontade é que o guia para o seu verdadeiro lugar, não era sair de um lugar ao outro, mas ser o verdadeiro rei. Não me atento neste trabalho a expor a figura do jovem leão Simba como rei, que figura uma distorção ao pensamento moderno, mas a compreender que o fato de ter tomado consciência e decidido retornar ao reino é seguir com o proposto pelo imperativo categórico através da máxima<sup>38</sup>.

A máxima de Simba estar em reerguer o reino, em manter o ciclo da vida e seguir com a linhagem de seu pai que foi um bom rei, podemos questionar: tal ação poderia ser tomada como uma lei universal? Arrisco-me a dizer que sim, Simba age conforme o dever de ser o rei, e que independentemente de estar na linhagem real qualquer indivíduo, neste caso os vários animais do reino, poderiam tomar como responsabilidade o cuidado comum, sem que isso seja vergonhoso ou imprudente. Para Kant “o imperativo categórico é, portanto, só um único, que é este: *Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.* <sup>39</sup>” podendo nós também querer que uma máxima possa se torna uma lei universal, afastando as inclinações e desejos egoístas, “uma vontade absolutamente boa, valor superior a todo o preço, é que o princípio da acção seja livre de todas as influências de motivos contingentes que só a experiência pode fornecer”.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> KANT, 2007, p. 53

<sup>38</sup> Cf. KANT, 2007, p.58. Nota de *Kant*

<sup>39</sup> KANT, 2007, p. 59

<sup>40</sup> Id. Ibid, p. 65

Refletimos então a própria ação de Timão quando este se dá conta que o Hakuna Matata e o significado da expressão “olhe além do que ver” representava um imperativo de valor moral, onde a máxima, o princípio do querer, determinava ação de Timão, sendo necessário estar sozinho consigo para perceber o que o tinha movido, quando na cena que relatamos no tópico anterior Timão cava túneis na tentativa de livrar-se das hienas e depois se lança nos tuneis para que o plano desse certo, percebe que o que de fato o movia tinha muito mais um valor de ordem prática do que uma ação sem qualquer fundamento, sendo o *fin* (*Zweck*) como uma autodeterminação da vontade.

Aqui trata-se, porém, da lei objectiva-prática, isto é da relação de uma vontade consigo mesma enquanto essa vontade se determina só pela razão, pois que então tudo se relaciona com o empírico desaparece por si, porque, se a razão por si só determina o procedimento (...), terá de fazê-lo necessariamente a priori. A vontade é concebida como a faculdade de se determinar a si mesmo a agir em conformidade com a representação de certas leis. E uma tal faculdade só se pode encontrar em seres racionais.<sup>41</sup>

É dentro dessa perspectiva que se pensa em um princípio enquanto legislador universal o qual todos os seres racionais estejam submetidos, a fim de que percebessem e agissem para um fim em si e não simplesmente como meios, julgando as próprias ações e a si mesmo, estando a moralidade presente na relação entre as ações com a legislação universal, tornando possível um *reino dos fins*, através da máxima de sua vontade, sendo definido o princípio da Autonomia da vontade e em oposição a ele a Heteronomia.

### 3.3.1 Autonomia da Vontade: o princípio da moralidade

A autonomia é definida como um princípio da vontade, é uma legislação universal por meio de suas máximas, de acordo com Botton, “a autonomia da vontade, isto é, a propriedade da vontade de ser lei para si mesma”<sup>42</sup>, é bem exemplificada no imperativo categórico através da fórmula do imperativo enquanto lei, Kant assim afirma “autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças a qual ela é para si mesma a sua lei (independentemente da natureza dos objetos do querer)”<sup>43</sup>. Kant põe a autonomia da vontade como sendo o “único princípio da

---

<sup>41</sup> KANT, 2007, p. 67

<sup>42</sup> BOTTON, 2005, p. 35

<sup>43</sup> KANT, 2007, p. 85

moral”<sup>44</sup> e neste sentido evidencia sua importância ao pensarmos como seres que obedecem a lei ao passo que nós mesmos somos os legisladores.

Vemos na autonomia, conseqüentemente no imperativo categórico uma fórmula geral, a qual segue uma forma que é a universalidade, uma matéria ou seja um fim e por uma determinação completa, isto é em sua totalidade, pensando na seguinte fórmula do imperativo categórico: “*Age segundo a máxima que possa simultaneamente fazer-se a si mesma lei universal*”<sup>45</sup>. O que denota retomar o conceito de boa vontade, onde se refere a ideia de uma lei universal que é boa, quando sua máxima não pode se contradizer, ou seja não pode ser má, fundamentando também a dignidade da natureza humana e racional.

Conforme Pascal, “a esta ideia de autonomia prende-se a ideia de dignidade da pessoa. Autor de sua própria lei, o homem não tem apenas um preço, ou seja valor relativo, mas uma dignidade, ou seja valor intrínseco”<sup>46</sup>. Neste aspecto podemos citar a cena em que Timão após um período de reflexão, tomada de consciência, compreende que deve ir ao encontro dos companheiros e ajudar Simba, além de já nas últimas cenas o mesmo compreender que quando se segue algo que possa tornar público e ao questionar-se sobre a sua ação ela possa ter uma aplicação universal, não tem motivos de envergonhar-se, e cumprir um dever de forma digna, quando a poeira passou devido aos túneis terem desmoronados, todos estavam aflitos, devido ao suricate Timão ter se lançado para tirar uma das travas, eis que posteriormente ele aparece, deixando sua mãe e seu tio orgulhosos, Tio Max que sempre repreendeu o jovem sobrinho o acolheu dentro de um abraço; Afirma Kant “esta vontade que nos possível na ideia, é o objeto próprio do respeito, e a dignidade da humanidade consiste precisamente nesta capacidade de ser legislador universal”<sup>47</sup>, e podemos trazer outro recorte do filme já na cena final a Mãe de Timão pergunta ao filho se ele encontrou o que procurava o suricate responde que tinha encontrado, mas não era o seu lar, e sim quando estavam todos juntos, Timão então leva todos os suricates para o Hakuna Matata e se torna um herói ficando todos orgulhosos dele, de como tinha amadurecido e tomado consciência do que realmente significava olhar além do que ver e viver o Hakuna Matata, deixando a compreensão, que era algo que qualquer pessoa, neste caso os suricates e demais personagens poderiam realizar, sem que fosse contra os princípios da moralidade, ao que poderia ser proibido ou contra o próprio dever.

---

<sup>44</sup> KANT, 2007, p, 86

<sup>45</sup> Id. Ibid, p, 80

<sup>46</sup> PASCAL, 2008, p. 133

<sup>47</sup> KANT, 2007, p. 85

Quando Rafiki observava as ações e em meio a chuva Simba é coroado rei, se concretizando o que Mufasa tinha dito para Simba enquanto ele ainda era um filhote: em uma cena do filme 1 em que o sol começava a tocar a pedra do rei e iluminar a savana, o rei Mufasa explica para o filho que tudo o que o sol estava tocando era o reino deles e continua explicando que o tempo de um reinado se levanta e se põe como o sol, um dia o sol iria se pôr com o tempo de Mufasa e se levantaria com o de Simba como o novo rei, traz um sentido de continuidade e que não levava em considerações as próprias inclinações, mas ser guiado por um princípio e que este fosse bom. Afirma Pascal, “o princípio da moralidade é a independência da vontade em relação a todo objeto desejado, isto é, de toda matéria da lei, e a possibilidade da mesma vontade para determinar-se pela simples forma da lei.”<sup>48</sup>

### 3.3.2 Heteronomia da vontade: “princípio ilegítimo da moralidade”

A heteronomia é o oposto da autonomia, cujo entendimento não se aplica no imperativo categórico, a heteronomia busca a lei através de um meio que não seja suas máximas, “não é a vontade que então se dá a lei a si mesma, mas é sim o objeto que dá a lei à vontade pela sua relação com ela”<sup>49</sup>, caracterizando como um imperativo hipotético, “só pode tornar possíveis imperativos hipotéticos: devo fazer alguma coisa porque quero qualquer outra coisa”.<sup>50</sup> É o caso do personagem Scar, leão invejoso que herdaria o trono, se Simba não tivesse nascido, leão aparentemente mais fraco e mais sombrio, com uma cicatriz no olho, o mesmo se une as hienas para dominar o reino, Scar é irmão de Mufasa e tio de Simba, que planejou a morte do rei Mufasa, após ter enganado Simba dizendo que Mufasa iria fazer uma surpresa ao filho, quando na verdade havia planejado com as hienas de matar o Rei Mufasa e o príncipe Simba, garantindo as hienas participação no reino. Scar engana Simba o culpando de ter provocado a morte do pai, sugerindo que fugisse, nesse momento surge três hienas que são determinadas por Scar para matar o pequeno leão, porém Simba consegue escapar. Scar chega a pedra do reino dizendo a todos que Mufasa e Simba estavam mortos, assumindo assim o reino e dando liberdade para as hienas. Para Oliveira

Os princípios heterônomos, por serem externos, são condicionados, que nas palavras de Kant seriam os Imperativos Hipotéticos, em que a ação do indivíduo visa um estado futuro, geralmente de satisfação. Ainda, em relação à liberdade, Kant afirma que esta não deve ser guiada pelos desejos ou

<sup>48</sup> PASCAL, 2008, p. 138

<sup>49</sup> KANT, 2007, p. 86

<sup>50</sup> Id. Ibid, p. 86

inclinações, e sim pela vontade racional e livre de qualquer influência externa, ou seja, independente da experiência o que torna a liberdade pertencente não ao mundo sensível dos fenômenos e sim ao mundo da coisa em si, *noumenos*.<sup>51</sup>

Essa breve narrativa do personagem Scar presente no filme 1 nos possibilita ver o perfil e como podemos relacionar com a filosofia, Scar planeja a morte de Mufasa, leva Simba para o lugar onde a manada de Gnus iria passar, chama o rei Mufasa dizendo que Simba estava em apuros e depois podendo salvar Mufasa o lança de encontro a manada, provocando a morte do Rei, cuja finalidade era que matando o Rei e o sucessor Simba, Scar seria então o rei, e por mais que as hienas estivesse ao lado de Scar, o que ele realmente queria era se tornar o rei, algo ligado apenas as suas inclinações, ação egoísta.

Kant caracteriza da seguinte forma

Quer o objeto determine a vontade por meio da inclinação, como no caso do princípio da *felicidade* // própria, quer a determine por meio da razão dirigida a objetos do nosso querer possível em geral, como no princípio da perfeição, a vontade nunca se determina a si mesma pela representação da acção, mas somente pelo móbil resultante da influência que o efeito previsto da acção exerce sobre ela: *devo fazer tal coisa, porque quero uma tal outra*; e aqui tem de ser posta no meu sujeito uma outra lei como fundamento, segundo a qual eu quero necessariamente essa outra coisa, e essa lei, por sua vez, precisa de um imperativo que limite esta máxima.<sup>52</sup>

Podemos também correlacionar com a atitude de Timão ou a relutância de Simba, diferenciando do recorte sombrio de Scar, Timão que em um primeiro momento é resistente a saída do Hakuna Matata, mas que compreende o que realmente importava não era sua felicidade e sim algo maior que estava antes de qualquer atitude, e Simba que tenta fugir escondendo-se do seu dever como rei, ambos poderiam alimentar a ideia de felicidade, sem regras, deveres, de boa vida, porém não se deixaram guiar pelas paixões e inclinações sejam imediatas ou não, ou visando realizar determinada coisa querendo alcançar outra, ou seja poderiam seguir pelo conceito da heteronomia, o que aparentemente seria até mais cômodo, mas agem de acordo com uma máxima, deixando qualquer impulso ou interesse.

Conclui Oliveira,

Na autonomia, temos o que Kant chama de “agir por dever”, e na heteronomia, às vezes apenas age-se “conforme o deve o dever”; e muitas vezes agimos conforme o dever apenas para não sermos prejudicados e que, se pudessemos,

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Edezio Muniz. **Imperativo Categórico e o fato da Razão Kantiano**. Revista Outras Palavras, v.13, n. 01, p. 35-46, 2017.

<sup>52</sup> KANT, 2007, p. 90

agiríamos diferentemente. A ideia do Kant é que somente seremos moralmente éticos quando agirmos por dever, ainda que isso nos traga prejuízos. E para que uma ação seja concretizada, mesmo havendo prejuízos, só por meio de uma ordem que nos obrigasse para tal comportamento, é aí que entra a figura do imperativo categórico kantiano.<sup>53</sup>

Portanto se percebe que os personagens Timão e Simba os quais já discutimos sobre os mesmos em tópicos anteriores, estão na contramão do imperativo hipotético ou da heteronomia, agem assumindo riscos e livrando-se de impulsos externos, quebram com a menoridade culpada e tornam-se os legisladores partindo de uma vontade autônoma.

---

<sup>53</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 40



## 4 UMA PROPOSTA PRÁTICA DA FILOSOFIA KANTIANA NA EDUCAÇÃO

Discutiremos neste capítulo sobre a possibilidade em animações cinematográficas serem um aporte filosófico, uma ferramenta didático-pedagógica para o estudo e a pesquisa da filosofia no contexto da educação básica. Mediante um acurado olhar filosófico, os desenhos animados longe de serem “inocentes”, possibilitam estudos, reflexões, sobre o entorno do nosso cotidiano, trazendo breves discussões sobre a educação enquanto um processo de autonomia.

### 4.1 Animações cinematográficas: possibilidades pedagógicas

O termo cinema é uma palavra de origem francesa, que surgiu do grego *Kinema* e significa “movimento”, enquanto que o termo animação advém do latim, *Anima* e significa “alma”, “sopro vital”, ou seja, “dar vida” ao objeto, de acordo com a Associação Panorâmica. A relação existente entre essas duas palavras, transmite a ideia de dar vida aos desenhos produzidos pelos animadores, seguindo movimentos e ações de acordo com um roteiro.

As primeiras animações de cinema surgiram no início do século XX e foram ganhando destaque com os avanços da computação gráfica. No surgimento dessa expressiva atividade, os primeiros animadores desenhavam as películas a mão e ao serem sincronizadas com os sons e os movimentos, formavam as animações. Esse processo envolvia com vida aquilo que era produzido, como destaca Fossatti ao descrever as obras de Walt Disney,

O estilo Walt Disney continua a inspirar a animação mundial, consolidando suas obras como marcos referenciais. Sua técnica, estética e sensibilidade para dar vida a suas criações perpetuam-se por gerações, abrindo espaço para a vivência individual de fantasias inusitadas, sob um corpo comum.<sup>54</sup>

Esse processo não se aplica unicamente para curta-metragens em animações, pois tem os filmes em animações que se tornaram um sucesso de bilheteria em diversos países do mundo. Fossatti destaca a consolidação ao gênero, “o percurso do desenho de animação vai sendo mundialmente delineado, sua história vem sendo edificada por novos animadores, estúdios, filmes e personagens”<sup>55</sup>. Isso implica dizer que a indústria voltou seu olhar para essa atividade, valorizando a produção e a arte empregada.

A prática cinematográfica transmite uma linguagem audiovisual composta por ângulos, movimento dos personagens, sons, fotografia, arranjos de cores e significados que interligam o

<sup>54</sup> FOSSATTI, Carolina Lanner. **Cinema de Animação**: Uma trajetória marcada por inovações. VII Encontro Nacional da História da Mídia: Mídia alternativa e alternativas midiáticas. Fortaleza – CE, 2009

<sup>55</sup> Id. Ibid, p. 01

roteiro da obra com a subjetividade humana, como se fosse uma versão animada da realidade. Dentre várias características audiovisuais, é possível observar como a filosofia se faz presente na produção cinematográfica, tanto na estética como na ética.

As produções dos *Studios Disney* ganharam o mundo ao produzir filmes de sucesso repletos de fantasias, mas que trazem um discurso de coragem, superação e sucesso. A saga da animação de *O Rei Leão* foi um desses grandes sucessos, com um enredo que conquistou pessoas do mundo inteiro.

Lançado em 1994, o primeiro filme da trilogia, conta a história de Simba, filho de Mufasa, o rei. Simba foge movido pela culpa da morte de Mufasa, sendo que foi ocasionada pelo tio Scar, um leão invejoso, que queria o poder de governar as terras do reino. O pequeno leão, é resgatado do deserto pelo suricate Timão e o javali Pumba, juntos os três vivem em um local sossegado “sem problemas”. Após muitos anos Simba retorna ao reino e descobre o que realmente aconteceu. O segundo filme, intitulado *O Rei Leão 2: O reinado de Simba*, é uma continuação do primeiro filme, foi lançado em 1998 e concentra a história na vida da filha de Simba Kiara, e Kovu um leão exilado, filho de Zira, uma leoa aliada de Scar. O último filme foi lançado em 2004, pelos *Studios Disney*, denominado *O Rei Leão 3: Hakuna Matata*, a narrativa apresenta os personagens Timão e Pumba, como se conheceram e conta o início de toda a história da saga, parte por parte, ou como Timão disse “é a história, dentro da própria história”.

A trilogia ressalta a presença marcante do leão como rei, regido pelo sol que tudo ilumina, sinal de vida. As cores mais intensas no filme são tons de amarelo e laranja, transmitem alegria e atenção. Para denotar os locais mais sombrios e excluídos, como o cemitério de elefantes e as ruínas das hienas, ou o local de exílio, os tons de cinza eram mais intensos e escuros. Todos os filmes possuem uma narrativa própria, mas que se completam no roteiro. Seguem uma estética valorizando cada personagem, com cores, arranjo musical próprio e atitude ética em personagem transmitindo valores ensinados na família e posteriormente em conjunto.

A estética e a ética são ramos da filosofia, que se referem, respectivamente, ao estudo sobre o belo, a perfeição e as práticas morais, conduta moral do ser. E isso se enquadra em diversas produções, seja pelo produto em si, ou pela mensagem dos personagens da obra. Maia ressalta que os filmes inserem a pessoa em um contexto filosófico, já que

O filme possibilita a assimilação de valores éticos e estéticos, pois através dos jogos simbólicos, ao assumir vários personagens com características distintas,

permite às pessoas o desenvolvimento dinâmico do pensamento e consequentemente da linguagem.<sup>56</sup>

Essa discussão pode também ser inserida no campo educacional, ao utilizar filmes e desenhos como material de aprendizagem, é um passo para refletir criticamente o ensino da filosofia e outras ciências a partir de um objeto. Durante a pesquisa foi observado que alunos do ensino médio da Escola Francisco Alves II localizada na cidade de Davinópolis - MA, atividade realizada durante o estágio obrigatório, demonstraram uma atenção ao ser apresentado a eles obra cinematográfica como um material de apoio didático, onde relataram através de exercício de análise em sala a interpretação que fizeram do que foi exposto e com o conteúdo programado, demonstraram grande interesse e falaram abertamente o que puderam perceber, as atitudes e reflexões. Ao ser sugerido que fizessem um texto sobre o filme do Rei Leão 3 ficaram surpresos, por ser uma animação, porém muito contentes por gostarem da história do filme e como os personagens envolviam os telespectadores com o enredo, em um dos relatos um aluno assim descreveu: “é interessante observar que o ciclo da vida não é apenas um “ciclo”, é uma transformação pelas quais estamos submetido em torno da nossa existência, Timão e Pumba, por exemplo se transformaram em seres totalmente diferentes através da amizade (...) e que traz uma grande mensagem do que devemos dar valor”, uma outra aluna assim relatou: “Apesar de atrapalhados e engraçados Timão e Pumba tem um coração bom e estão dispostos a fazer o bem e ajudar a quem precisa”

Diante disso, Brito e Lima afirmam com base em Kant que a educação “é o processo que está totalmente relacionado com a moral, pois segundo Kant, uma boa educação é precisamente a fonte de onde brota todo bem neste mundo”<sup>57</sup>. Quando isso é proposto, torna-se viável refletir a realidade relacionando-a com temas pertinentes ao campo educacional e a autores tão complexos como o próprio Kant. Para tanto, Brito e Lima apresentam a educação como autonomia do indivíduo,

Tendo como pressupostos da reflexão kantiana os conceitos de esclarecimento, educação e autonomia, percebe-se a tese de que a educação possibilita ao ser humano desenvolver, cada vez mais, a capacidade e a coragem de sair do estado de menoridade e alcançar, progressivamente, a maioridade, tornando-se um sujeito esclarecido e autônomo.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> MAIA, 2008, p.19

<sup>57</sup> BRITO; LIMA, 2017, p. 200

<sup>58</sup> Id.Ibid, p. 201

Ao discutirmos sobre educação, percebe-se uma prática em que é necessário a vontade daquele para ensinar e do outro em aprender, no intuito de desenvolver um no outro um ser pensante. Brito e Lima ressaltam sobre a luta pela liberdade de pensar, “o ser humano deve ser educado para atingir um dos seus principais aspectos, que é esta ascensão do conhecimento meramente de senso comum ao que se adquire pela autonomia”, esse processo favorece a autonomia do pensar, ou seja, o indivíduo será capaz de pensar criticamente partindo de sua relação com o outro dentro do campo educacional. Kant afirma

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação e o trato) a disciplina e a instrução como formação. Conseqüentemente o homem é infante, educando e discípulo<sup>59</sup>

A educação encontra-se como algo de importância na vida do indivíduo enquanto ser social e o é dentro dessa relação que se cria formas de repassar teorias, conceitos, valores e leis a serem seguidas, agir de maneira disciplinada a fim de que seja um bom mestre e se tenha bons educandos. Para Kant

O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos<sup>60</sup>

A educação representa uma possibilidade do indivíduo agir com coragem de sair da menoridade, alcançando o esclarecimento, ou podemos dizer uma maioridade, sendo um sujeito autônomo, desenvolvendo a própria capacidade de pensar por si, como propomos de através da leitura de desenhos animados, refletindo conceitos apresentados pela filosofia, fazendo o exercício de análise, reflexão, de desenvolver o pensar por si, percebendo a relação existente entre a filosofia e a uma produção cinematográfica, é um processo de desenvolvimento oferecido através da educação.

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que

<sup>59</sup> KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2.ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

<sup>60</sup> Id. Ibid, p. 15

desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e assim guie toda a humana espécie e seu destino<sup>61</sup>

O processo de educação seja ele dado pela família bem como pela escola, proporciona ao indivíduo um processo de emancipação, despertando as habilidades e sua capacidade racional, apresentando informações, teorias e em por menor que seja a atitude em um processo de educação isto se torna uma referência para o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser pensante. Assim afirma Brito e Lima

[...] é de grande valia acrescentar o quanto a educação tem um papel essencial na formação e construção desse ser autêntico, uma vez que a educação se torna na verdade uma condição para esta saída da ignorância frente ao conhecer. Ao estabelecer a educação como uma via de acesso ao ser autônomo, Kant deixa claro o real valor que existe na questão da instrução racional como um dos pilares de sustentabilidade do ser humano como protagonista deste processo.<sup>62</sup>

Desse modo, estando em um processo de desenvolvimento e direcionamento do indivíduo, podemos apresentar como uma proposta pedagógica a análise de desenhos animados, seja observando o cenário apresentado pela obra cinematográfica, a trilha sonora com seus arranjos musicais, como os personagens interagem entre si e como estão representados dentro do desenho, permitindo a leitura dos desenhos com o apresentado durante o processo de ensino-aprendizagem, assim como relatado acima da experiência no estágio, não apenas como uma possibilidade utópica, mas como algo que se realiza, que é possível, ter esta prática como uma referência dentro do processo de ensino aprendizagem, além de apresentar ter um processo em via de mão dupla, percebendo como podemos extrair de determinada obra cinematográfica uma reflexão filosófica por exemplo, e em como a filosofia está inserida em coisas que temos contato diariamente, mas que passa despercebido, ressaltando a importância de desenvolver um esclarecimento, do agir moral, tornando-se um ser autônomo.

---

<sup>61</sup> KANT, 1999, p. 19

<sup>62</sup> BRITO; LIMA, 2017 p. 203

## 5 CONCLUSÃO

No campo das ciências humanas, a sociologia e a filosofia ganham destaques no estudo e aprimoramento do conhecimento sobre as realidades sociais, ressaltando o indivíduo enquanto ser em desenvolvimento que tem sua contribuição significativa dentro da sociedade. Abordamos em maior destaque a filosofia, recepcionando aspectos da filosofia kantiana (a moralidade, o “esclarecimento”).

Para compor este Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada uma análise crítica no intuito de refletir as atitudes ético-morais ancoradas pelo pensamento kantiano tomando como mediação didático-pedagógica – por se tratar de uma Licenciatura em Ciências Humanas – o filme *O Rei Leão 3: Hakuna Matata*.

Esta é uma pesquisa que assume um caráter metodológico bibliográfico por ser “constituída exclusivamente por fontes bibliográficas como livros, artigos, resenhas, etc”<sup>63</sup>; é uma pesquisa dedicada aos questionamentos ético-morais da compreensão kantiana: como os personagens do filme fazem uso da ética e moral filosófica Kantiana? Qual a relação entre o personagem Timão e os sujeitos da realidade? E como o imperativo categórico de Kant é compreendido pelas ações dos personagens do filme?

Ao longo dessa pesquisa foi possível perceber que é possível discutir questões importantes para o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser racional e que vive em sociedade, refletir através de desenhos animados assunto teorizados dentro do ambiente acadêmico e também podendo ser apresentado na educação básica, não se restringindo apenas ao ensino da filosofia, mas as demais ciências, neste caso aproximando a discussão filosófica da sociedade de forma dinâmica, levando em consideração a educação como um processo de interação e de ensino-aprendizagem.

Discutimos, em particular, como os personagens do filme “O Rei Leão 3” puderam transmitir uma filosofia moral abordada por Kant, em como atingir o esclarecimento com a saída da menoridade, fazendo uso da razão, refletindo as máximas presente nos personagens tanto os de destaque: Timão, Pumba e Simba, como os secundários: Tio Max, Mãe de Timão, Rei Mufasa, Scar entre outros, evidenciando o imperativo categórico e caracterizando o imperativo hipotético, posteriormente com os princípios da autonomia e heteronomia. Sendo comparado a nós, enquanto indivíduos do mundo real e não cinematográfico, que podemos fazer a mesma reflexão que foi realizada ao longo dessa pesquisa, estamos em uma menoridade culpada por comodismo? Vemos na educação um processo de desenvolvimento do indivíduo e

<sup>63</sup>SELBACH, Jeferson Francisco. **Pesquisa sem frescura**. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2005. V. 1. 80p.

sua emancipação? Agimos moralmente? Estes são questionamentos que podemos levar para o nosso dia-a-dia e procurar a resposta em como podemos somar com o pensamento filosófico enquanto indivíduo que vive em sociedade.

A pesquisa evidencia em como podemos fazer diferente dentro do campo educacional, seja no aprofundar a pesquisa acadêmica com filósofos como Kant, bem como sua aplicabilidade dentro da educação básica como uma ferramenta pedagógica, mesmo diante das dificuldades encontrada dentro do ensino fundamental e médio é possível utilizar outros meios para o ensinar sem que professores e alunos saiam prejudicados, além de uma dinamização as aulas, claro que tomando determinada ação com responsabilidade. Compreende-se que é no interior da esfera educacional que podemos identificar o processo de “esclarecimento” e discutir aspectos ligados à nossa existência assim como a relação com o meio.

Por fim, os desenhos animados podem se constituir, sim, como um efetivo recurso didático pedagógico, para o estudo e a pesquisa do saber filosófico no ambiente escolar. De fato, tais recursos são possibilidades que podemos aplicar no cotidiano escolar e também de aprofundamento em futuras pesquisas, enquanto construtores do conhecimento, observar na educação sua importância como frisou Kant ao refletir sobre a pedagogia, para o desenvolvimento do indivíduo, e a contribuição sobre a moral e uma filosofia prática como apresentada na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, realizamos um breve estudo em comparação com a imensidão de discussões que podemos encontrar sobre estes temas, uma breve análise que trazem também sua importância dentro de um processo de ensino-aprendizado.

## 6 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, José Henrique Alexandre de. **Kant e a filosofia: Ensaio sobre o espírito da filosofia de Kant.** Kínesis, Marília, v.5, nº 09, p. 124-137, 2013.
- BOTTON, Alexandre Mariotto. **Autonomia da vontade e interesse moral em Kant.** Santa Maria: UFSM, 2005.
- BRITO, José Wilson Rodrigues de; LIMA, Francisco Jozivan Guedes de. A educação em Kant como condição de autonomia do indivíduo. **Revista Eletrônica de Filosofia**, São Paulo, v. 14, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/35399>. Acesso em: 23 de Março de 2019
- DESCARTES, René. **Meditações.** São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pesadores)
- DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- FAGGION, Andréa Luisa Becchile. O imperativo categórico como realização da necessidade lógica da razão. **Revista de Filosofia**, Curitiba, v. 15, n. 17, p. 43-53, 2003.
- FOSSATTI, Carolina Lanner. **Cinema de Animação: uma trajetória marcada por inovações.** In: VII Encontro Nacional de História da Mídia: Mídia alternativa e alternativas midiáticas. Fortaleza, 2009, p. 01-23. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/CINEMA%20DE%20ANIMACaO%20Uma%20trajetoria%20marcada%20por%20inovacoes.pdf>. Acesso em: 22 de Outubro de 2018.
- GAMA, Lisete Monteiro. **Análise de alguns conceitos fundamentais da ética de Kant: subsídio para uma reflexão sobre Ética e Educação.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979.
- HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do Outro: estudos de teoria política.** Tradução George Sperber e Paulo Soethe. São Paulo: Loyola, 2002b. 390p
- HERRERO, F. Javier. A Ética de Kant. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 28, n.90, p. 17-36, 2001.
- JAEGGI, Rahel. **Repensando a Ideologia.** Civitas, Porto Alegre, v. 8, n. 01, p 137-165, 2008.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação de Metafísica dos Costumes e outros escritos.** Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Edições 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. **“Reposta à questão: que é iluminismo:”** (1784). In: A Paz Perpetua e Outros Opúsculos. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a Pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2.ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- LUFT, Eduardo. **Duas questões pendentes no Idealismo Alemão.** Veritas (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 48, n.n.2, p. 181-185, 2003.



\_\_\_\_\_. Subjetividade e natureza. In: Konrad Utz; Agemir Bavaresco; Paulo Roberto Konzen. (Org.). **Sujeito e liberdade: investigações a partir do idealismo alemão**. 1ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 205-219.

MAIA, Tadeu Queiroz. **Sobre filmes infantis e linguagem audiovisual: o caso d'o Rei Leão**. Brasília: UNB, 2008.

O REI LEÃO 3: Hakuna Matata. Direção de Bredley Raymond. EUA: Walt Disney Pictures, 2004. 1 DVD (77min).

OLIVEIRA, Edezio Muniz. Imperativo Categórico e o fato da Razão Kantiano. **Revista Outras Palavras**, v.13, n. 01, p. 35-46, 2017.

PASCAL, George. **Compreender Kant**. Introdução e tradução de Raimundo Vier. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Pesquisa sem frescura**. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2005. V. 1. 80p.